

O FAZER PEDAGÓGICO DOS MESTRES-ESCOLAS NO SEMIÁRIDO PIAUIENSE (1940-1970)

Viviane da Luz Sousa¹
Ysmélia de Lima Verçosa²
Sandra de Moura Sousa³
Maria Alveni Barros Vieira⁴

RESUMO

Este artigo versa sobre as práticas de ensino dos mestres-escolas que exerceram o magistério no semiárido piauiense entre os anos de 1940 a 1970. Aqui, apresentamos parte dos resultados de uma investigação acerca da História da Educação no Piauí, cujo desenvolvimento esteve ancorado nos pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural, tendo como categoria de análise a noção de práticas culturais delineadas por Roger Chartier (1990) como os modos de fazer dos sujeitos históricos. As informações, por nós registradas, foram compiladas através de entrevistas semi estruturadas com um grupo de pessoas que exerceram o ofício de mestre-escola no espaço e no tempo estabelecido na proposta de investigação. A análise dos dados, então realizada por meio da abordagem qualitativa, indica que: O ofício de mestre-escola ainda fazia parte do cenário educacional do semiárido piauiense desde o século XVIII até fins da década de 1970; os mestres-escolas do semiárido piauiense eram contratados para ensinar os saberes elementares, principalmente; as práticas escolares estavam fundamentadas em um modelo de educação tradicional permissivo em relação ao uso de castigos e punições nas escolas associadas aos modos de ensinar; havia uma busca pela objetividade do conhecimento do aluno através da realização das sabinas orais, e\ou através da aplicação de provas escritas.

Palavras Chaves: Mestres- escolas, Semiárido Piauiense, Práticas de ensino.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito apresentar parte dos resultados de uma investigação que teve como objetivo geral compreender as práticas educativas dos sujeitos que exerceram o ofício de mestre-escola no semiárido piauiense entre as décadas de 1940 a 1970. Especificamente, pretendíamos identificar os sujeitos reconhecidos como mestres-escolas nas comunidades do semiárido piauiense além de descrever e analisar as dinâmicas socioculturais que envolveram suas práticas educativas.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí- UFPI, viviane_girl2009@hotmail.com;

² Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí- UFPI, ysmelia.25@gmail.com;

³Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí- UFPI, sandra.moura.sousa@hotmail.com;

⁴ Doutora em Educação – Professora da Universidade Federal do Piauí – UFPI. alvenibarros@bol.com.br.

Questionamos na proposta de investigação quem foram os mestres-escolas que exerceram a docência no semiárido piauiense? Em qual período foram mestres de primeiras letras? Quais as práticas didáticas escolares cotidianas por eles utilizadas? Quais os saberes ensinados? Pretendemos, aqui, responder as perguntas postas e colocar em evidência as práticas educativas desse grupo de mestres, geralmente considerados modestos, possuidores de conhecimentos rudimentares, porém, fundadores de uma prática escolar específica atinente às necessidades das comunidades sertanejas que habitavam no semiárido piauiense. Mas, também, como pondera Schueler (2005), apresentá-los como senhores de uma prática educativa socialmente reconhecida, que lhes permitia, não somente o exercício da docência de forma alternativa, mas, por vezes, a participação nos quadros do serviço público, posto que, parte deles eram contratados pelo Estado.

Diante de tais pretensões, buscamos resgatar os sujeitos históricos que exerceram o ofício de mestre-escola no semiárido piauiense, através de um exame minucioso de suas práticas educativas e sociais, inventariando as funções e competências intelectuais que permitiam a esses homens, e mulheres, desempenhar tal ofício na sociedade da época. Acreditamos que tentar percebê-los como seres inseridos em um contexto social e discutir o seu papel social enquanto agente transformador de indivíduos em confronto com as mudanças impostas pela nova realidade que se inicia (Piauí republicano) é contribuir para a feitura da história do magistério piauiense.

METODOLOGIA

A proposta de investigação por nós desenvolvida seguiu a trilha de uma Pedagogia Histórica que propõe ampliar o campo da história da profissão docente através das narrativas de vida dos mestres-escolas e\ou dos sujeitos por eles alfabetizados no semiárido piauiense entre os anos de 1940-1970.

O recorte temporal que cobre as décadas de 1940 a 1970 foi delimitada logo após as primeiras incursões nas comunidades do semiárido piauiense, objetivando identificar os possíveis partícipes da nossa pesquisa. Outrossim, a data inicial de 1940 corresponde ao período mais antigo em que os mestres-escolas por nós entrevistados exerceram seu ofício e o recorte final, 1970, diz respeito ao último período das atividades docentes dos mestres entrevistados.

No que tange ao recorte espacial, convém esclarecer que a região geográfica denominada semiárido piauiense é composta por 127 (cento e vinte e sete) municípios; (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2017). Todavia constituiu nossa área específica de investigação 14 (quatorze) municipalidades da região centro-sul do Piauí - Picos, Paulistana, Inhuma, São João da Canabrava, São Luís das Guaribas, Ipiranga, Oeiras, Dom Expedito Lopes, Francisco Santos, Colônia do Piauí, São José do Piauí, Paquetá, Itainópolis e Monsenhor Hipólito.

No final da pesquisa de campo foram entrevistados 6 (seis) mestres-escolas em quatro municipalidades do semiárido piauiense, conforme relacionados no quadro abaixo:

Dados	Ano de Nascimento	Sexo	Município
Mestre 1	1926	Masculino	Picos
Mestre 2	1931	Masculino	Itainópolis
Mestre 3	1945	Masculino	Ipiranga
Mestre 4	1945	Feminino	Ipiranga
Mestre 5	1949	Feminino	Ipiranga
Mestre 6	1969	Feminino	Santa Cruz do Piauí

Fonte: entrevistas realizadas pelos alunos do curso de Pedagogia(CSHNB (2018)

A identificação dos sujeitos partícipes foi realizada de duas formas: Inicialmente a partir de um levantamento feito em vários municípios do semiárido piauiense através dos sindicatos de trabalhadores rurais, dos movimentos eclesiais de base, dos sindicatos de professores, secretarias municipais de educação e cultura entre outras organizações de movimentos sociais com a finalidade de elaborar um cadastro com dados biográficos dos sujeitos reconhecidos pelas comunidades como mestres-escolas ou ex-alunos de mestres-escolas. A outra forma de identificação dos sujeitos da pesquisa, foi realizada, por indicações dos primeiros sujeitos partícipes. Tratou-se, portanto, de uma *amostragem teórica* (FLICK, 2009), posto que, conhecer a extensão dos sujeitos que poderiam ser envolvidos na pesquisa só poderia ocorrer no processo de desenvolvimento da pesquisa, através de uma seleção gradual e contínua.

A seleção dos partícipes também esteve vinculada ao que foi determinado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Outrossim, estabelecemos como critério de inclusão ser natural do semiárido piauiense, reconhecido pela comunidade em que habita como mestre-escola e apresentar condições de saúde física e mental para participar da pesquisa. Da mesma forma, estabelecemos como critérios de exclusão não atender os critérios

de inclusão, não aceitar participar da pesquisa e recusar em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Durante o processo de construção do trabalho lançamos mão dos procedimentos metodológicos que utilizam fontes memorialísticas, textos biográficos e autobiográficos como materiais para a análise de variadas dimensões do trabalho docente do mestre-escola no semiárido piauiense. Além das fontes escritas (artigos científicos, obras literárias e acadêmicas, dissertações e teses) que fazem referência de forma direta e indireta ao temário em estudo, buscamos reconstituir as histórias de vida dos sujeitos participantes dessa investigação fazendo uso de entrevistas semi-estruturadas que foram gravadas e/ou filmadas.

A feitura das entrevistas teve como suporte norteador um roteiro elaborado com 31 (trinta e uma) questões consideradas pertinentes ao objeto de estudo e subdivididas em 4 (quatro) eixos: caracterização sócio demográfica, reminiscência sobre o período de infância, a aprendizagem dos saberes escolares e as práticas educadoras no exercício de mestre-escola. Importa observarmos, que as narrativas privilegiadas nesse trabalho dizem respeito aos tempos e espaços escolares, aos planos de estudos, às metodologias de ensino, aos utensílios pedagógicos, aos procedimentos avaliativos e disciplinares utilizados pelos mestres no cotidiano de suas atividades de ensino.

A transcrição dos dados registrados com a utilização dos meios técnicos foi realizada de forma rigorosa, considerando elementos de interferências na fala (risos, tosses, toque de telefone, fala de outras pessoas, reação do entrevistado) respeitando as possibilidades de assimilação e de interpretação para outros leitores. Conforme recomendado por Drew (1995), adotamos a utilização de linhas numeradas para o transcrito, bem como cuidados em paginar o transcrito a fim de transformá-lo em texto favorecendo as citações literais nas produções dos artigos.

A interpretação das narrativas, compostas por histórias de vidas foi realizada em consonância com a operacionalidade do conceito de práticas culturais, delineadas por Chartier (1990) como os modos de fazer do sujeito histórico. Nessa perspectiva, as práticas educativas dos mestres-escolas do semiárido piauiense são compreendidas como práticas culturais situadas em espaços e contextos históricos específicos. Ainda, no que tange a interpretação dos dados fizemos uso de uma plêiade de obras que nos permitiram comparar as informações contidas nas histórias de vidas por nós compiladas em relação a de outros sujeitos, viventes em outras temporalidades, em contextos históricos, sociais e econômicos diferenciados, de

modo que pudéssemos compreender como determinados saberes e práticas conseguiram permanecer ao longo dos séculos no semiárido piauiense.

Convém observar que, embora tenhamos obtido o consentimento oficial para identificar os participantes da entrevista pelos nomes e sobrenomes de batismo, fizemos a opção de manter o anonimato dos mesmos na construção das análises. Portanto, fizemos uso somente das letras iniciais dos seus nomes, a saber: T.J.S.A; M.P.S.F.C; L.A.M; J.A.F; J.D.G e M.L.V.S.

DESENVOLVIMENTO

A gênese do ofício de mestre-escola, reconhecidamente como mestres de primeiras letras ou saberes elementares, desponta nos anais históricos desde os primórdios da valorização da transmissão dos conhecimentos culturais de forma planejada e sistematizada. Conforme parecer de Nóvoa (1999) desde tempos idos, profissionais de outros ofícios como sapateiros, barbeiros e carpinteiros, podiam exercer a função de mestres de jovens e crianças, a exemplo de trabalhadores impedidos fisicamente de exercerem seus primeiros ofícios, além de senhoras prendadas. Tanta diversidade dificulta a caracterização sociológica dos mestres-escolas tanto em Portugal como em seus domínios coloniais.

Aqui no Brasil, desde o período colonial, o ensino da leitura, da escrita e das quatro operações de matemática, também se fazia acontecer por uma diversidade de mestres, fora do âmbito institucional. Na verdade, a forma escolar de socialização de crianças e jovens no Brasil colonial e imperial poderia se realizar de diferentes maneiras, conforme as circunstâncias contextuais de posses, conveniências e oportunidades existentes de seus usuários e agentes. Cardoso (2004) registra quatro modalidades de educação que aconteciam na casa dos aprendizes: aquela ministrada por pais ou tios a filhos e sobrinhos; a oferecida a outros parentes, ou crianças alheias à família no mesmo espaço; a educação ministrada por mestres que moravam na casa dos aprendizes, e a educação ministrada por mestres particulares que frequentavam a casa de acordo com o horário estipulado.

Em estudos sobre a trajetória da educação doméstica, como o principal sistema utilizado pelas elites para a educação de seus filhos entre os séculos XVIII e XIX, Vasconcelos (2005) indica a contratação de professores, de preceptores particulares e de mestres-escolas para o exercício do ofício docente que se realizava na casa do aprendiz. Diferentemente dos preceptores que habitam na casa do aluno, os mestres-escolas somente

compareciam, para ministrar as aulas, em dias e horários combinados pela família que os havia contratado para ensinar, “[...] primeiras letras, gramática, línguas, música, piano, artes e outros conhecimentos [...]”. (VASCONCELOS, 2005, p. 167).

Na realidade do Piauí colonial, imperial e até mesmo boa parte do século XX, o mestre-escola era personagem conhecido nas casas das famílias que pretendiam iniciar seus filhos nas primeiras letras no próprio ambiente domiciliar. Ocorre que, em fins do século XIX e início do século XX, a escola oferecida pelo governo, assim como os serviços da escola particular, só conseguiram beneficiar crianças dos centros mais populosos do território brasileiro. Nas pequenas vilas, sítios e povoados, afastados desses centros, o processo de escolarização acontecia sob a responsabilidade direta das famílias que lançavam mão de formas variadas de ensino para que seus filhos fossem iniciados no mundo dos letrados. Pesquisas realizadas por Vieira (2005), confirmam que o mestre-escola fazia parte da história da educação do sertão do Piauí. Suas atividades só deixariam de ser requisitadas na segunda metade do século XX, década de 1970, quando ganham maiores destaques as formas estatais e hierarquizadas de profissionalização docente, com a complexidade dos saberes escolares e a ampliação dos cursos normais de formação de professoras.

Segundo Saviani (2007), o interstício temporal-1940 a 1970, que aqui delimitamos a fim de analisarmos a atuação dos mestres-escolas no semiárido piauiense, configura como um período marcado por várias inovações teóricas e metodológicas na educação escolar brasileira que vai desde a predominância das idéias escolanovistas, da crença no otimismo pedagógico, das novas formas de ensinar, com materiais didáticos inovadores passando pelas articulações do tecnicismo na escola voltado para a formação profissional do aluno, mas também um tempo das idéias e metodologias de Paulo Freire.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os elementos investigados que caracterizam as práticas educativas dos mestres-escolas no semiárido piauiense, destacaremos, para fins de organização didática desse artigo, três dimensões: Os conteúdos escolares, os métodos de ensino e as verificações de aprendizagem.

Mestres do ABC e, por vezes, de algo mais

Recrutados nas povoações distanciadas dos centros onde já se viam figurar edifícios escolares, os mestres-escolas do semiárido piauiense foram contratados para ensinar os saberes elementares, principalmente. Ou seja, meninos e meninas seriam instruídos pelos mestres-escolas a partir de um plano de estudos composto por disciplinas como a leitura, a escrita e as quatro operações básicas de aritmética.

As primeiras letras, as operações básicas da matemática, um pouco de geografia, história, ciências e, extraordinariamente, ensinava-se desenho. Tudo mediado pelo interesse principal que era aprender a ler e escrever. J.D.G. (2018, p. 01) confirma que “[...] ensinava o primário, começava com o ABC, sílabas, nomes e algumas espécies de contas”.

De fato, os conteúdos escolares trabalhados pelos mestres-escolas em estudo configuram como os primeiros saberes tradicionalmente presentes nas instituições escolares dedicadas ao ensino das primeiras aprendizagens, ou abordados fora do âmbito escolar por serem consideradas aprendizagens prévias ao ingresso da criança na escola. No entendimento de Hébrard (1990) o interesse das famílias pelo ensino dos saberes elementares aos seus filhos é perceptível desde séculos passados, principalmente entre as elites urbanas preocupadas em assegurar uma alfabetização mínima a sua prole.

Também detectamos essa restrição de conteúdos nas práticas de ensino dos mestres-escolas no semiárido piauiense. Não havia, por parte dos pais dos alunos, definição de conteúdos específicos para as aulas, posto que, sendo a maioria absoluta analfabeta, não compreendiam as possibilidades do ensino escolar. Assim nos relata o mestre L.A.M. (2018):

Os pais não solicitavam nada, pois naquele tempo eles não acompanhavam porque todos eram analfabetos. Eu como responsável em ensinar, formava reuniões com os pais e falava para eles, mas, como não sabiam ler, a gente formava reuniões somente para [eles] ouvirem. (L.A.M, 2018, p. 03).

Por vezes, o mestre decidia incrementar o plano de estudos por sua conta. Outrossim, L.A.M. (2018) além das primeiras letras, também ensinava aos seus alunos alguns conhecimentos de ciências, história, geografia e desenho. A mestre M.L.V.S. (2018) relata o acréscimo gradual de conteúdos em conformidade a série do aluno:

[...] geralmente, quando o aluno estava iniciando era as vogais, as consoantes, o alfabeto. Aumentava o conteúdo de acordo com a série do aluno. Aos mais adultos costumava repassar de acordo com a série que estava cursando, alguns até estudavam comigo. (M.L.V.S., 2018, p. 03).

Podemos, então, inferir, que os conteúdos trabalhados pelos mestres-escolas são identificados, principalmente, pela trilogia ler-escrever-contar, resta-nos analisar Por qual forma aconteciam as aulas ministradas por nossos partícipes.

As práticas de ensino

Por em evidência as formas como os mestres-escolas exerciam seu ofício, é analisá-las da perspectiva de suas práticas rotineiras em sala de aula tornando possível a compreensão dos papéis desses mestres na educação de meninos e meninas no semiárido piauiense. A luz de Chartier (1990), compreendemos as práticas de ensino dos mestres-escolas como práticas sociais e culturais articuladas ao cenário educacional das décadas de 1940 a 1970 e não poderia ser diferente considerando que os partícipes são sujeitos históricos do desenvolvimento da escolarização no Brasil.

Assim, a partir das narrativas coletadas dos mestres-escolas entrevistados, foi possível identificar que as aulas por eles ministradas aconteciam no espaço da casa do aluno, do mestre ou do representante da comunidade, responsável por suas contratações. As aulas eram frequentadas em média por 10 (dez) alunos de ambos os sexos, como rememora o mestre L.A.M. (2018):

Comecei a atuar como mestre-escola aos meus 31 (trinta e um) anos, no povoado Atalho, em São José do Piauí, em 1972 e continuei atuando até 1976. Lembro de alguns dos alunos da minha primeira turma que foram: Ademar Batista, Liota, Zefinha de Zeca Batista, José de Zeca Batista, Francisco e Pedro de Maria Antônio Adriano. Tinha também os meninos de João Márcio, que eram Zequinha, Joaquim e Márcio. Eles tinham de 7 (sete) a 15 (quinze) anos de idade. (L.A.M., 2018, p. 03.)

Transcende nas falas e recordações dos entrevistados que as aulas aconteciam todos os dias, durante o tempo do contrato, que poderia ser de um, dois, três e até seis meses, embora o mestre J.A.F. (2018), que exercia o ofício de graça, só dispunha de tempo nos finais de semana:

As aulas eram mais no sábado de tarde depois dos laboros da roça, e nos domingos. Recordo-me, ainda, que aos domingos sentávamos em um banco e mandava soletrar uma palavra, aí o aluno que acertava dava um bolo [palmada] no aluno que errava. (J.A.F., 2018, p. 06).

As aulas por eles ministradas também variavam na carga horária diária, conforme o estabelecido no contrato: L.A.M. (2018), por exemplo, trabalhava de segunda a sexta-feira, três horas por dia, no turno da manhã; M.L.V.S. (2018), ensinava quase todos os dias, por cerca de duas horas, enquanto J.D.C. (2018), trabalhava o dia todo:

[...] de manhã começava umas 7:00 horas até 11:00 horas. De tarde pegava das 14:00 horas até 17:00 horas. Era particular, tinha que ser o dia todo se quisesse ganhar. Em cada lugar eu ficava um mês ou dois, ia depender da demora dos meninos para aprender. (J.D.C., 2018, p.07).

Ao questionarmos os modos de ensinar, pudemos identificar que eles faziam uso tanto do método de ensino individual como do método de ensino simultâneo, dependendo do conteúdo. Mas predominava o ensino individual como desenvolvido pelo mestre J.D.G. (2018):

Ensinava de um por um. Ali eu botava sentado, encostado de junto da mesa. Outros sentavam por acolá. De vez em quando vinha um e eu dava a lição, se estivesse certa eu passava para frente, se não tivesse ele ia estudar o mesmo que estava estudando, quando precisava de vir eles vinham. Todos os sábados tinha um argumento, todo sábado eu argumentava a sílaba, nomes e algumas perguntas que eu fazia. Botava eles para soletrar. (J.D.G., 2018, p. 07)

Nos mesmos relatos apreendemos, ainda, a continua utilização de castigos físicos como importante estratégia aliada às metodologias de ensino como é possível observar nas lembranças de L.A.M. (2018):

Era dividido em dois horários: para fazer a aplicação dos conteúdos e fazer também os deveres. [também] aplicava castigos rígidos! Os castigos era o aluno ficar em pé em um canto na casa com todo mundo vendo. Quando eles desobedeciam muitas vezes, eu tirava e botava em outro lugar sozinho. Tinha palmatória na época, eu não fui do tempo do caroço do milho, não, era castigo de pé e as vezes a palmatória quando a pessoa era muito rebelde. Aplicava esses castigos por desobediência e por não responderem as atividades escolares. (L.A.M., 2018, p.04).

J.D.G. (2018), confirma o uso de castigos não somente como instrumento para disciplinar os comportamentos dos alunos, mas como estratégia de ensino:

Nesse tempo tinha a palmatória. Eu fazia a pergunta ao aluno se ele respondesse tava bom e se ele não respondesse, ou não acertasse eu ia passando. Assim corria a roda do argumento, o que acertasse eu entregava a palmatória, não era arrebatando não, os bolos, era só para estralar um pouquinho, só para dizer que deu. O castigo que eu dava era só esse.

Conforme explicações de Castanha (2009), no século XIX, as leis criadas para ensino primário, elegiam a ordem e a disciplina como componentes previstos para a eficiência da educação. Mesmo no século XX, ainda persistiam as práticas escolares fundamentadas em um modelo de educação tradicional permissivo em relação ao uso de castigos e punições nas escolas. Considerando, que de alguma forma, os mestres-escolas do semiárido piauiense, espelhavam suas práticas de ensino no ideário pedagógico vigente, não seria de estranhar a associação feita por eles entre os castigos e punições e seus modos de ensinar.

A avaliação dos saberes ensinados

No que tange as práticas avaliativas da aprendizagem na casa-escola dos mestres-escolas, convém lembrar que por esse tempo, que vai da década de 1940 a 1970, já havia uma certa busca pela objetividade do conhecimento do aluno fosse através das sabatinas orais, fosse através da aplicação de provas escritas. Não por acaso, ao ser questionado acerca da

verificação da aprendizagem dos alunos J.D.G. (2018) responde que esta se realizava semanalmente na forma de sabatina:

Eu botava o ABC, aí eles liam, para saber se eles tinham decorado sem conhecer as letras, depois eu ia perguntar. As vezes eu também botava para ler até o final e dizer de trás para gente. Para o aluno não aprender só se fosse descuidado, os pais me davam ordem para eu fazer o que quisesse [castigar], mas tinha vez que eu não fazia não. Tinha uns que eram desinteressados demais para estudar, era preciso eu tá ralhando. Eu só ia embora quando todos aprendiam. (J.D.G., 2018, p. 7-8).

Por sua vez, o mestre L.A.M (2018), realizava como práticas de avaliação a aplicação de provas escritas, modalidade por ele considerada moderna:

Por meio de avaliações é que se notava. Provas! Era como eu descobria quem estava ou não aprendendo. Dava as notas de zero à dez, quando o aluno não se saía bem nas avaliações ficava a critério dos pais como lidar. Eu, como professor conversava com os pais a respeito das notas e o porque de quando não adquiriam as notas esperadas. Em relação a isso, os pais não descontavam do meu salário quando algum aluno não se saía bem. (L.A.M, 2018, p. 05).

Luckesi (2002) observa, que desde meados da segunda metade do século XX, o termo “avaliação” se fazia presente no vocabulário dos professores e era, empregado por ser uma palavra que expressava neutralidade, imagem acadêmica e insight de controle. Tal processo acentua-se, ainda mais, nas décadas de 1960 e 1970 quando emerge no cenário educacional brasileiro a pedagogia tecnicista inspirada nas teorias behavioristas da aprendizagem e na abordagem sistêmica do ensino.

Outrossim, na perspectiva da avaliação podemos inferir que, embora a maioria dos mestres-escolas do semiárido piauiense continuassem fazendo uso de “estratégias” de verificação da aprendizagem comumente utilizadas ao longo dos séculos, uma minoria já procurava incrementar seus procedimentos avaliativos a exemplo do que acontecia na instituição escolar, a exemplo da prova escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que aqui relatamos delineia o processo de socialização escolar de meninos e meninas no semiárido piauiense através das práticas educativas dos mestres-escolas que foram compiladas através da leitura e análise de obras que versam sobre o temário, assim como através da realização de entrevistas semi-estruturadas. A partir do levantamento bibliográfico pudemos apreender que o ofício de mestre-escola já fazia parte do cenário colonial do território piauiense no século XVIII e se estendeu até meados da década de 1970 do século XX.

Através das narrativas, colhidas através de entrevistas orais com 6 (seis) partícipes que desenvolveram o ofício de mestre-escola no semiárido piauiense entre as décadas de 1940 e 1970, podemos concluir que:

- a) Os mestres-escolas eram contratados para ensinar os saberes elementares, principalmente. Ou seja, meninos e meninas seriam instruídos a partir de um plano de estudos composto por disciplinas como a leitura, a escrita e as quatro operações básicas de aritmética;
- b) Suas práticas rotineiras de ensino encontravam-se, de alguma forma, articuladas aos ditames pedagógicos das décadas de 1940 a 1970 e não poderia ser diferente considerando que os partícipes são sujeitos situados historicamente no contexto de desenvolvimento da escolarização no semiárido piauiense quando ainda persistiam as práticas escolares fundamentadas em um modelo de educação tradicional permissivo em relação ao uso de castigos e punições nas escolas associadas aos modos de ensinar;
- c) Havia uma busca pela objetividade do conhecimento do aluno através da realização das sabatinas orais, e\ou através da aplicação de provas escritas.

Ressalvamos, por fim, que trabalhar com narrativas dos sujeitos históricos que exerceram o ofício de mestre-escola no semiárido piauiense, significa refletir sobre a construção e significação da história não apenas de uma categoria de profissionais, mas também refletir sobre as práticas educativas de uma comunidade em seus processos de socialização de crianças e jovens. Afinal a história que cada sujeito nos conta é, de fato, uma história individual, mas que representa parte da história do coletivo.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, T.J.S. :*depoimento* [junho. 2018]. Entrevistador: Gelson Pereira de Andrade. Ipiranga (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.
- CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As Aulas Régias no Brasil.In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Vol. I. - Séculos XVI-XVIII*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p.179-191.
- CARVALHO, M.P.S.F.:*depoimento* [junho. 2018]. Entrevistador: Gelson Pereira de Andrade. Ipiranga (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.
- CASTANHA, André P. A Prática dos Castigos e Prêmios na Escola Primária do Século XIX: Do Legal ao Real. Unioeste – Francisco Beltrão. Educere et Educare – *Revista de Educação*. ISSN: 1981-4712 (eletrônica) – 1809-5208 (impressa) Vol.4 – N°8 – 2° Semestre de 2009. Disponível em: (<http://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/.../3724>) Acesso em (09/06/2018)
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1990.

FERREIRA, J.A.: *depoimento* [maio. 2018]. Entrevistadora: Maria Eliete Lopes Moreira. Picos (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GONÇALVES, J.D.: *depoimento* [maio. 2018]. Entrevistadora: Thays Feitosa Cunegundes. Itainópolis Ipiranga (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 65-109, 1990.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, L.A. : *depoimento* [maio. 2018]. Entrevistadora: Sabrina de Sousa Silva. São José (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In. NÓVOA, António (Org.). *Profissão professor*. Portugal: Porto Editora, LTDA, 1999.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SCHUELER, Alessandra Frota de. De mestres-escolas a professores públicos: histórias de formação de professores na Corte Imperial. *Revista Educação*, Porto Alegre – RS, ano XXVIII, n. 2 (56), p. 333 – 351, Maio/Ago. 2005.

SILVA, M.L.V. : *depoimento* [maio. 2018]. Entrevistadora: Erica da Silva Moura. Santa Cruz (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e os seus mestres. A educação no Brasil de Oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VILLELA, Heloísa de O.S. O Mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed.1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. *Educação e sociedade piauiense: 1850-1930*. Teresina: EDUFPI, 2005.